



Revista Internacional de
Folkcomunicação
E-ISSN: 1807-4960
revistafolkcom@uepg.br
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Brasil

de Moraes Nobre, Itamar; de Vasconcelos Gico, Vânia
A Folkcomunicação no contexto da epistemologia do sul: reflexões iniciais sobre uma
descolonização das ideias
Revista Internacional de Folkcomunicação, vol. 13, núm. 29, mayo-agosto, 2015, pp. 31-
49
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Ponta Grossa, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=631768756006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A Folkcomunicação no contexto da epistemologia do sul: reflexões iniciais sobre uma descolonização das ideias

Itamar de Moraes Nobre¹

Vânia de Vasconcelos Gico²

RESUMO

Reflete-se sobre as tendências epistemológicas da Folkcomunicação, a partir dos seus sinais e características pós-coloniais, de epistemologia do sul, de contra-hegemonia e de emergência científico-social. É uma reflexão elaborada a partir da pesquisa bibliográfica com base nas obras de Luiz Beltrão, José Marques de Melo e Boaventura de Sousa Santos. Compreende-se que a tendência na qual está inserida a Folkcomunicação, seja a de que nela haja a marca de uma nova forma de produzir conhecimento científico sobre o conhecimento social, popular e tradicional. Além disso, vê-se a Folkcomunicação incluída em um pensamento alternativo sobre os pensamentos alternativos, oriundos da classe subalterna, atribuindo-lhe um caráter de teoria emergente, pós-colonial, tradutora, com caracteres de justiça cognitiva entre os conhecimentos, especificamente entre o conhecimento popular e o científico.

PALAVRAS-CHAVE

Folkcomunicação. Epistemologias do Sul. Pós-colonialismo. Tradução. Comunicação. Cultura. Folclore.

The Folk Communication in the context of southern epistemology: initial reflections on decolonization of ideas

¹ Docente e pesquisador do DECOM - Departamento de Comunicação Social e do PPgEM - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, da UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Contato: itanobre@gmail.com.

² Cientista social. Doutora em Ciências Sociais - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-Doutorado em Sociologia da Cultura, Criação e Gestão do Conhecimento e Antropologia Cultural – Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Professora e Pesquisadora Associada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGCS-UFRN). Contato: vaniagico@gmail.com.

ABSTRACT

We reflect on the epistemological tendencies of folk communication, as from its signs and postcolonial characteristics, southern epistemology, counter-hegemony and scientific-social emergency. It is a reflection formulated from the literature based on the works of Luiz Beltrão, José Marques de Melo and Boaventura de Sousa Santos. We understand that the tendency in which the folk communication is inserted is one that contains the mark of a new way of producing scientific knowledge on the social, popular and traditional knowledge. Furthermore, we see the folk communication included in an alternative thinking on alternative thinking, derived from the subordinate class, giving it a character of emerging theory, postcolonial, translator, with characters of cognitive justice among knowledge, specifically between popular and scientific knowledge.

KEYWORDS

Folk communication. Southern Epistemologies. Postcolonialism. Translation. Communication. Culture. Folklore.

Introdução

A teoria da Folkcomunicação tem sido abordada por pesquisadores do Brasil, em diversos níveis, desde a iniciação científica, passando pela pós-graduação e especialmente através de pesquisadores seniores, com larga experiência no campo da investigação científica. Insere-se em diversos âmbitos acadêmicos como na INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação, na qual há um Grupo de Trabalho específico para os debates sobre essa área do conhecimento; na Rede Folkcom – Rede de Estudos e Pesquisas em Folkcomunicação, cuja ideia de criação surgiu “durante as discussões realizadas no seminário internacional sobre as identidades culturais latino-americanas”, em 1995³, sendo efetivamente criada em agosto de 1998, na I Conferência Brasileira de Folkcomunicação,⁴ e que abriga pesquisadores de todo o País e do exterior, tendo ultimamente realizado a sua XVI Conferência Nacional, em Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil, em junho/2013. De alguma forma, também tem se tornado presente tradicionalmente no Seminário: “Os Festejos Juninos no Contexto da Folkcomunicação e da Cultura Popular”, sendo o de junho/2015, a 12ª versão promovida pelo Departamento de Comunicação Social (DECOM) da Universidade Estadual da

³ Promovido pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP.

⁴ Realizada na UMESP, sob a coordenação do Professor José Marques de Melo.

Paraíba (UEPB). A Folkcomunicação já se estende por outros países, como Portugal e Espanha, a exemplo do XIII IBERCOM – Congresso Internacional IBERCOM, ocorrido em Santiago de Compostela, em março de 2013, sobre o tema: *Comunicação, cultura e esferas do poder*, no qual foi criada uma divisão temática intitulada *Os discursos da comunicação: migrações, gênero, movimento cidadão, folkcomunicação*.

Ao longo de sua existência, a Rede Folkcom com seus membros e gestores tem propalado o campo da Folkcomunicação e o pensamento comunicacional de Luiz Beltrão, também através de congressos da Alaic – Associação Latino Americana de Investigadores da Comunicação e Confibercom – Congresso Mundial de Comunicação Ibero-americana; contribuiu, também em 2014, para a repercussão do campo da Folkcomunicação internacionalmente, com membros e simpatizantes participando no I encontro Internacional de Folkcomunicação, na cidade do Porto, em Portugal ⁵.

A vastidão do seu alcance no Brasil começou com Luiz Beltrão, conforme anuncia Benjamin (2007, p. 25), afirmando que ao defender a sua tese de doutorado na Universidade de Brasília, em 1967, Luiz Beltrão introduziu a teoria da Folkcomunicação no Brasil, conceituando-a como “o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, ideias e atitudes de massa através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore”.

Beltrão (1980, p. 269 a 279) já indica as diversas possibilidades e variações nos estudos da Folkcomunicação, apresentados aqui resumidamente: 1 - a Folkcomunicação oral: o linguajar; nomes próprios, alcunhas, xingamentos, palavrões; provérbios, comparações, frases feitas; orações e suas paródias, pragas; contos, histórias, fábulas, mitos e lendas; quadras e glosas; pregões, parlendas, mnemonias, formuletes; anedotas, adivinhas, trava-línguas, bestialogias; 2 - a Folkcomunicação musical: assobio e aboios; cantorias; a canção, os ritmos populares, instrumentos e orquestras; 3 - a Folkcomunicação escrita: grafitos, manuscritos datilografados e em xerox, impressos, postais, santinhos e estampas e os veiculados pelos meios de comunicação de massa; 4 - a Folkcomunicação icônica: escultura popular, objetos de identificação e adorno pessoal e 5 - a Folkcomunicação de conduta (cinética); o trabalho e o lazer; autos, danças, espetáculos populares; atividades religiosas e atividades cívico/políticas.

⁵ De 9 a 10 de abril e 2014, realizado pelo Instituto Universitário Maia – Ismai.

Todas essas formas foram consideradas por ele como “meios de expressão utilizados pelas populações marginalizadas”, como formas de comunicação do meio popular; e, aliás, já bastante estudadas como expressão da cultura do povo brasileiro, por Luís da Câmara Cascudo (1983; 1993; 1980; 1987; 1984; 1986; 1985; 1971).

Corroborando este pensamento, Beltrão (2004, p. 75) afirma que na sua gênese e forma a Folkcomunicação é semelhante essencialmente aos *tipos de comunicação interpessoal, já que suas mensagens são elaboradas, codificadas, e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa* (grifos do autor). Para ele, a *artesanalidade* e a *horizontalidade* são partes do processo da Folkcomunicação.

Luiz Beltrão, figura expressiva da Folkcomunicação e de pensamento caracterizado por originalidade, tem dedicado a si, a Coleção Beltranianas, organizada pela INTERCOM (a Sociedade Científica) e Universidade Federal de Uberlândia⁶, contando entre os organizadores Marques de Melo(2012⁷); Hohlfeldt (2012⁸); Marques de Melo, Rose Vidal e Eduardo Amaral (2012⁹); e Osvando J. Moraes (2013a, Parte 1¹⁰; 2013b, Parte 2¹¹ e 2013c, Parte 3¹²).

Especialmente no Volume 1, José Marques de Melo organiza o tema *Fortuna crítica de Luiz Beltrão: Dicionário bibliográfico*, o qual conforme Moraes¹³ (2012, p. 11): “traz como proposta a sistematização temporal e a ordenação alfabética da produção intelectual de Luiz Beltrão, com ideias iluministas em pleno século XXI” (2012, p.11).

Formulador do pensamento folkcomunicacional, Beltrão foi jornalista, professor, pesquisador, ficcionista e intelectual reconhecido pela comunidade acadêmica como pioneiro dos estudos científicos da comunicação no Brasil (MARQUES DE MELO, 2012). Sua tese defendida em 1967 e intitulada *Folkcomunicação, um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias* foi publicada como livro, em 1971, e

⁶ (EDUFU, v. 3).

⁷ (v.1).

⁸ (v.2).

⁹ (v.3).

¹⁰ (v. 4).

¹¹ (v.5)

¹² (v.6).

¹³ Diretor editorial da Intercom.

intitulado *Comunicação e Folclore*¹⁴, repercutindo ainda na atualidade. Tornou-se fonte de inspiração para elaboração destas notas iniciais, com o objetivo de refletirmos sobre os sinais, características e tendências epistemológicas da Folkcomunicação, a partir da discussão sobre a epistemologia do sul, o pós-colonialismo, a contra-hegemonia científica, a emergência científico-social e a sociologia das ausências e das emergências.

Justificamos essa reflexão no intuito de ampliar o reconhecimento teórico deste campo comunicacional, observando-o como uma interface entre o conhecimento social, no campo da cultura gerada no meio popular e o conhecimento científico. Reforçamos a predileção pela temática em vista de outra aproximação, qual seja, a vinculação com a Rede Folkcom¹⁵ – Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação. Trata-se, pois, de aperfeiçoar os estudos sobre uma teoria ou disciplina, que já vem sendo pensados e cujos resultados possam ser aprofundados, contribuindo com o entendimento sobre a formação do conhecimento social, no contexto cultural relacionado ao meio popular e aos estudos voltados para a Folkcomunicação.

Refletimos ainda, em face das inquietações oriundas do desejo de uma inserção mais profunda nos estudos das teorias da comunicação, destacando a teoria da Folkcomunicação. Para isso, centramos nossos interesses na seguinte premissa: quais os sinais existentes na Folkcomunicação que podem indicar características e tendências contextualizadas no pós-colonialismo, nas epistemologias do sul, na contra-hegemonia científica e no paradigma emergente, científico-social?

Inicialmente, precisamos compreender alguns conceitos inerentes às nossas pretensões, tendo a nossa base teórica apoiada nos estudos de Boaventura de Sousa Santos, como um condutor literário no seu projeto de desmistificação do conhecimento, contra a primazia da verdade no contexto da ciência moderna, procurando nos ater aos nossos princípios ideológicos, políticos, epistemológicos, conceituais e humanos, corroborados por ele, na tentativa de fazer valer as obras da humanidade e do meio popular. Para a elaboração desta reflexão, nos centramos em uma pesquisa bibliográfica, cujos autores referenciais encontram-se disseminados ao longo do texto, especialmente Luiz Beltrão e José marques de Melo.

¹⁴ Editora Melhoramentos.

¹⁵ www.redefolkcom.org).

Em sua vasta obra, Boaventura de Sousa Santos aborda temas como hegemonia, contra-hegemonia, aspectos dominantes e emergentes da sociedade e ciência, epistemologias do sul, ecologia dos saberes, globalização, democracia, emancipação social, ciência na pós-modernidade, paradigmas científicos, no contrafluxo do desperdício da experiência e no percurso de um conhecimento prudente para uma vida decente.

Apontamos um contexto condutor das nossas discussões, já a partir de Santos (2004), publicado pela primeira vez em 1987¹⁶, em Portugal. A publicação traz uma conferência proferida na abertura das aulas da Universidade de Coimbra, entre 1985 e 1986, a qual questiona a verdade científica e defende oposição epistemológica ao positivismo, reforçando a ideia de que todo o conhecimento científico é socialmente construído. Para ele, a objetividade científica não implica a sua neutralidade. Em linhas gerais, descreve a crise do paradigma dominante e identifica os traços principais do que chama de paradigma emergente, em que atribui às ciências sociais antipositivistas uma nova centralidade, especulando sobre o perfil de uma nova ordem científica. Apresenta um conjunto de teses para caracterizar o paradigma emergente científico, quais sejam: 1 - “Todo conhecimento científico-natural é científico-social”; 2 - “Todo o conhecimento é local e total¹⁷”; 3 - “Todo o conhecimento é autoconhecimento” e; 4 - “Todo o conhecimento visa constituir-se em senso comum”. Em algumas dessas teses, podemos notar a relação de proximidade com a teoria folkcomunicacional beltraniana.

Aproximamos a discussão, ora apresentada de uma forma geral a todas as teses citadas, porque mesmo recorrendo a qualquer delas teremos o nosso pensamento conduzido ao contexto geral. Para nós, a partir da tese 2, Boaventura de Sousa Santos elabora uma crítica ao paradigma dominante de ciência quanto à separação da associação dos saberes, priorizando o seu caráter disciplinar, afim de “policiar as fronteiras entre as disciplinas e reprimir os que quiserem transpor essas fronteiras”. (SANTOS, 2004, p. 74).

¹⁶ Pela editora Afrontamento.

¹⁷ Aponta como referencial a totalidade universal de Wigner e a totalidade indivisa de Bohm (SANTOS 2004, p. 76). Quando se refere à totalidade diz respeito a não-fragmentação do conhecimento, a não parcelização do conhecimento, sendo contrário ao reducionismo deste. Considera que a fragmentação no paradigma emergente não é disciplinar, mas temática.

Nesse caso, vemos na Folkcomunicação um campo de natureza opositora ao pensamento colonizador e tradutora, o que para Santos (2004, p. 77) “incentiva os conceitos e as teorias desenvolvidos localmente a emigrarem para outros lugares cognitivos, de modo a serem utilizados fora do seu contexto de origem”. O que significa a elevação e a valorização do pensamento do senso comum, uma forma de geração de conhecimento pautado a princípio pelo meio popular; emergindo inicialmente, através de Beltrão (1980, 2001 e 2004) com os estudos sobre o ex-voto e em decorrência da inserção de pesquisadores simpáticos ao campo de estudos como Benjamin (2000), Duarte e Barros (2002), Gadini e Woitowicz (2007), Marques de Melo (1989, 2001 e 2008, 2012), Trigueiro (2008) Lucena Filho (2007 e 2012), Marques de Melo e Fernandes (2013), emerge para o meio científico como referencial de estudos e pesquisas com vasto crescimento em rede.

Marques de Melo (2012, p.17) aponta uma observação pertinente de Martin-Barbero¹⁸ ao identificar o pioneirismo de Beltrão como pesquisador, referindo-se a “plena sintonia com a estratégia de pesquisa denominada contra-hegemonia comunicativa”. Nesse contexto, Beltrão transpõe fronteiras, rompe com o paradigma da primazia da mídia de massa como centro dos estudos da comunicação e envolve o conhecimento e o processo comunicacional gerados no meio popular com o caráter da emergência científica, se assim podemos dizer. Essa ocorrência data de 1967, período em que o Brasil passava por um processo político em que as ideias e as ações opositoras à ordem hegemônica sofriam perseguições e castrações da liberdade. Um fase propícia para as naturezas e práticas contra-hegemônicas e descolonizadoras surgirem em prol da valorização das vozes inaudíveis e das práticas invisibilizadas, quais sejam, as das camadas populares marginalizadas.

Bases para a discussão

Na quarta tese, em evidência, Santos (2004, p. 88, 89) aponta que:

[...] a ciência pós-moderna sabe que nenhuma forma de conhecimento é, em si mesmo, racional; só a configuração de todas elas é racional. Tenta, pois, dialogar com outras formas de conhecimento deixando-se penetrar por elas. A mais importante de todas é o conhecimento do senso comum, o conhecimento vulgar e prático com que no cotidiano orientamos as nossas ações e damos

¹⁸ Pode ser visto e, Martin-Barbero (1999, p. 39), conforme José Marques e Melo.

sentido à nossa vida. A ciência moderna construiu-se contra o senso comum que considerou superficial, ilusório e falso. A ciência pós-moderna procura reabilitar o senso comum por reconhecer nesta forma de conhecimento algumas virtualidades para enriquecer a nossa relação com o mundo. É certo que o conhecimento comum tende a ser mistificado e mistificador, mas, apesar disso e apesar de ser conservador, tem uma dimensão utópica e libertadora que pode ser ampliada através do diálogo com o conhecimento científico. Essa dimensão aflora em algumas das características do conhecimento do senso comum.

Essa discussão acima, foi base para outras, a seguir; em Santos (2007, p. 20), ele reflete: “[...] não é simplesmente de um conhecimento novo que precisamos; o que precisamos é de um novo modo de produção de conhecimento. Não precisamos de alternativas, precisamos de pensamento alternativo às alternativas”. Essa declaração surgiu em uma discussão, quando Boaventura de Sousa Santos participava de uma reunião com dirigentes dos movimentos sociais de bairros na Argentina, em junho de 1996 (SANTOS, 2007, p, 20¹⁹).

Nesses termos, pressupomos que a tendência na qual está inserida a Folkcomunicação, seja a de que nela haja a marca de uma nova forma de produzir conhecimento científico sobre o conhecimento social, popular e tradicional, no contexto do conhecimento do senso comum; esse pode ser um viés que embasa essa justificativa. Além disso, acrescentamos, tomando a orientação literária de Boaventura de Sousa Santos, a possibilidade de entrevê-la incluída na forma de pensamento alternativo sobre os pensamentos alternativos, oriundos da classe subalterna, nas quais Luiz Beltrão centrou seus estudos e interesses como anuncia Marques de Melo (1980, p. 9). Para ele, Beltrão “vislumbrou o horizonte da comunicação popular como resultado da marginalização a que a sociedade política submete a grande maioria dos trabalhadores urbanos e rurais”.

Possivelmente outra forma de justificar este trabalho, seja a de atribuir à Folkcomunicação o possível caráter de *teoria tradutora*, no contexto a que se refere Santos (2007, p, 40), ao reportar-se à base da ideia central da Epistemologia do Sul e ao esclarecer a proposta do “procedimento da tradução”. Pensamos que a pesquisa ganha importância por entendê-la como sendo uma teoria que contempla a justiça entre os conhecimentos,

¹⁹ Vê nota de rodapé do livro citado (SANTOS, 2007, p, 20).

especificamente entre o conhecimento popular e o científico. Nesses termos, para Santos “a tradução é um processo intercultural, intersocial. Utilizamos uma metáfora transgressora da tradução linguística: “é traduzir saberes em outros saberes, traduzir práticas e sujeitos de uns aos outros, é buscar intelegibilidade sem ‘canibalização’, sem homogeneização” (SANTOS 2007, p, 40).

Amplamente têm sido os itinerários de pesquisa sobre a Folkcomunicação, utilizando-a como parâmetro teórico-metodológico, ou elaborando-se reflexões sobre a mesma, como uma novidade no campo da comunicação; contudo, sentimos deveras a ausência de um debate, de uma reflexão sobre a qualidade epistemológica desta teoria, sobre o seu enquadramento em um campo além do que está posto e esse campo pode ser o da emergência científica, da contra-hegemonia, da sociologia das ausências e das emergências, da ecologia dos saberes, da tradução e do pensamento do sul. Nesse percurso justificador, podemos ainda reforçar a ideia de que a Folkcomunicação, no entender de Schmidt (2008, p.149) “é a gênese de uma teoria autenticamente brasileira de comunicação”, para a visibilidade das vozes do mundo (SANTOS, 2009).

A compreensão sobre a Folkcomunicação no contexto das epistemologias do sul pode ser elucidada no entendimento desta como uma linha de pensamento que tende a se opor ao epistemicídio, em linhas gerais, nas suas proposições teóricas, reflexivas e divulgadoras do pensamento popular, das mensagens geradas pelos ativistas midiáticos como um retrato da cultura local, regional; tendo como aporte de conhecimento o repositório tradicional, popular e alternativo do cantador de viola, do repentista, do cordelista, do negro, do índio, do trabalhador rural e urbano, entre outros diversos líderes de opiniões senão superando, mas oportunizando a visibilidade e a distribuição nos meios mais apropriados a essa geração de conhecimento; quais sejam, os vinculados aos próprios meios de produção da mensagem: a literatura de cordel, a cantoria nos centros das feiras livres e populares, o gingado da capoeira, o teatro de rua, o palhaço de rua, o folhetim, os circos populares, o pastoril, o boi de reis, o carnaval, entre as diversas manifestações culturais tradicionais que transmitem ao povo a notoriedade da sua existência em sociedade.

São as vozes populares ocultas e silenciadas que necessitam de um anteparo científico, mesmo que já tenham passado quase cinco décadas (período que ainda pode ser visto como

intervalo de jovialidade teórica), a Folkcomunicação está em fase de disseminação e adesão de novos pesquisadores. Mesmo com esse crescimento, o que se nota ainda hoje, nos recantos de algumas Universidades brasileiras, entre os pares pesquisadores de outras áreas da comunicação é de certa forma sutil, a indiferença sobre o pensamento folkcomunicacional. Isso pôde ser testemunhado em depoimento de Osvaldo Trigueiro, durante mesa-redonda, da qual participou no XI Seminário dos Festejos Juninos no Contexto da Folkcomunicação e da Cultura Popular – realizado de 04 a 06 de junho de 2014, promovido pelo Departamento de Comunicação Social (DECOM) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), no Brasil, quando expôs seu relato sobre as primeiras trajetórias dos defensores da Folkcomunicação, enfrentando os preconceitos teóricos de correntes positivistas tradicionais da comunicação social, sobre uma linhagem de pensadores que pesquisavam a cultura popular no meio comunicacional, sendo observado ainda hoje com mais discrição.

Marques de Melo descreve no *Prefácio* da obra de Trigueiro (2008), o episódio sincrônico de sua pesquisa sobre a teoria beltraniana e sua divulgação, quando se referiu a Osvaldo Trigueiro como um arauto da Folkcomunicação, no contexto do seu relacionamento com Luiz Beltrão:

O marco dessa confluência intelectual se configurou em 1976, por ocasião do I encontro de Folclore da Paraíba, na cidade de Pombal. Atendendo a convite de Trigueiro, o criador da disciplina pôs o “pingo no i”²⁰, explicando a natureza da Folkcomunicação enquanto espaço de trânsito simbólico entre o Folclore e a Mídia.

Vivíamos então uma conjuntura singular, em que as “patrulhas ideológicas” atuavam vigorosamente no seio das universidades, reprimindo quaisquer manifestações culturais que não estivessem enquadrados no figurino *prete-a-porter* dos arraiais althusserinos ou ostentando a *grife* de Frankfurt contrabandeada pelas sucursais terceiro-mundistas.

Osvaldo e seus colegas do NUPPO²¹ foram vítimas, na Universidade Federal da Paraíba, de feroz marcação por parte dos “companheiros” que, ao estilo dos “guardas vermelhos” ou reproduzindo gestos nostálgicos dos nossos “galinhas verdes”, gritavam ‘palavras de ordem’ emanadas dos laboratórios da ‘contracultura’ *made in Osasco or in Contagem*”. Se essa vigilância explícita não os fez desistir das incursões pelo território folkcomunicacional funcionou como mecanismo inibidor, retardando projetos e alterando cronogramas.

²⁰ Demonstrou.

²¹ Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular.

(MARQUES DE MELO, 2008b, p. 9-10. Nota nossa. Aspas e itálicos do autor).

Ao que aparenta, as críticas sofridas pela teoria de Beltrão já tendiam a fazer parte de um pensamento colonialista, uma prática epistemicida promovida pela ciência dominante, a fim de submeter teores científicos sobre a cultura e a sociedade ao fosso abissal do conhecimento. Assumir inicialmente o ex-voto como objeto informacional, comunicacional, repositório de sentidos e narrativas sobre a vida religiosa, de certa forma sobre a condição econômica dos fiéis ao catolicismo, além da prática social na sua época, pode-se dizer que fez de Luiz Beltrão um precursor de uma trajetória contra-hegemônica em sentido a um Sul epistemológico com origens no Brasil, posteriormente com rumo a todas as direções geográficas, inclusive iniciando-se no contexto internacional, como já dito. Em decorrência disso, desencadeia-se uma rede de rupturas epistemológicas pelo país, nesse campo teórico, propalando-se uma diversidade de conceitos a partir de autores diversos, e obras que tem como exemplo volumoso a *Metamorfose da Folkcomunicação: Antologia Brasileira*, organizada por Marques de Melo e Fernandes (2013²²), reunindo autores de quase todo o País e com uma variação temática envolvida pela teoria da Folkcomunicação.

Esse cenário, contudo não é obstáculo para frear o epistemicídio de um modo geral. Marques de Melo recorda, reforçando que:

Como toda proposta inovadora, a Folkcomunicação de Luiz Beltrão encontrou alguns obstáculos para se legitimar. Ela encontrou dupla resistência. A dos folcloristas conservadores, que pretendiam defender a cultura popular das investidas midiáticas modernizante. E a dos comunicólogos radicais, que pretendiam fazer da cultura popular o cavalo de Tróia das suas batalhas políticas, em lugar de apreender nessas manifestações genuínas o limite da resistência possível de comunidades empobrecidas cuja meta é a superação da marginalidade social (MARQUES DE MELO, 2006, p. 25).

Contudo, essa suposta barreira, apresentada por (Marques de Melo, 2006), não tem conseguido segurar os avanços da Folkcomunicação, em especial com a inserção dos

²² com 1100 páginas.

pesquisadores em Programas de Pós-graduação no Brasil e, também, com o advento das novas tecnologias, repositório propício para a proliferação da produção no meio popular.

Ainda é possível observarmos, nesse discurso, a existência de uma crítica ao pensamento dominante no meio da cultura e da comunicação e, ao mesmo tempo, a clareza de uma relação excludente, imposta a cultura pela hegemonia da ciência moderna. Vê-se, também, ao mesmo tempo, um alinhamento reflexivo ao discurso sobre a emancipação social e as necessidades de se reforçar um pensamento social, no meio científico, que possa legitimar e ascender ao meio tradicional às teses antipositivistas, contra-hegemônicas e emergentes de Santos (2004), que vimos citando.

Mesmo assim, o que notamos de um modo geral, não necessariamente por influência direta da ciência moderna dominante, mas possivelmente pela influência da indústria cultural mercantilista com caráter de pensamento do Norte como a primeira, o deslocamento do conhecimento oriundo do meio popular, e suas manifestações tradicionais, quer sejam individuais ou coletivas, quer sejam em forma de arte, medicina tradicional, comunicação ou qualquer e que seja a sua gênese, para um lugar de obscurantismo, de invisibilidade, ausência de circulação em uma escala que não favoreça a subsistência do autor, produtor cultural ou do gerador do conhecimento. Nota-se a ausência do Estado como incentivador; e quando existe, a sua presença se dá em forma de editais limitados, com recursos limitados e distribuição demorada.

Esse cenário traçado pode ser contextualizado na esfera da produção de ocultação e da invisibilidade, no contexto do epistemicídio. Santos e Meneses (2009, p. 10) observam o epistemicídio como sendo: “a supressão dos conhecimentos locais perpetrada por um conhecimento alienígena”. Esse conhecimento alienígena pode ser visto como aquele hegemônico, situado no Norte epistemológico, dominante, quer seja científico ou mercantilista, cujos referenciais históricos e contextos da produção da invisibilidade dos conhecimentos tradicionais e do campo do senso comum, considera estes como de fora do berço da verdade do conhecimento, por falta da metódica quantificação e comprovação com base nas estatísticas e confirmações laboratoriais ou fora do cerco das produções de massa ou elitizadas.

Em percurso contrário, a Folkcomunicação tende à valorização do pensamento local e regional, como abordado anteriormente. Reflete sobre as origens, os significados das mensagens comunicacionais dos “marginalizados”, como vê Luiz Beltrão e reforça os pensadores continuadores do seu pensamento, além dos produtores do conhecimento local e regional.

A Folkcomunicação aparece como um pensamento científico alternativo elevatório do pensamento alternativo fecundo no meio popular. Nesse sentido, podemos inferir, inicialmente, que Beltrão talvez nem imaginasse a repercussão da sua incursão epistemológica ao propor a “comunicação dos marginalizados”, independente da diversidade de vieses oriundos do seu pensamento, o que não a desqualifica como originalmente uma possível representação das epistemologias do sul, “uma teoria brasileira” (Schmidt, 2006).

No contexto das relações de poder, é notável a distinção entre as representações de conhecimento, cujos antagonismos podem ser percebidos nas fontes, nos discursos, nas ações e nas diversidades culturais, políticas e sociais. Entre essas diversidades, há linhas divisórias representacionais das práticas que constituem cada lado das diferentes formas de conhecer: uma hegemônica e uma contra-hegemônica. Uma assente na dominação; a outra nas formas alternativas; uma no contexto da colonização e a outra na pós-colonialidade. Esse caráter dicotômico do conhecimento mostra que, de um lado, há uma forma de epistemologia que se preserva de modo dominador e nega a existência de conhecimento que não seja pautado no seu alinhamento; de outro, há uma forma de conhecimento cujo percurso é opositor a este descrito.

A partir disso, Santos e Meneses (2009) iniciam a obra questionando, entre outras problematizações se “são hoje possíveis outras epistemologias”. E traz a Epistemologia do Sul como uma forma de pensamento representacional de outras epistemologias que duramente vem delineando a anulação de saberes alheios ao seu círculo. Essa postura epistemológica carrega o valor da diversidade do conhecimento e põe em um lugar de alcance dos novos pesquisadores (sem esquecer os mais veteranos precursores) o fazer científico com mais leveza, com tendências de aproximação com suas origens, com vieses atrativos, considerando que a base do conhecimento científico está no berço da sociedade, oferecendo uma forma de conhecimento que tende a trazer o encantamento (SANTOS, 2002) dos saberes do meio

popular, do campo do senso comum. Uma forma de conhecimento guardado no envoltório no qual foi gerado, podendo se desenvolver no meio em que assenta o pensamento científico. Um desvio para outras galerias, outras vias, a visibilidade e a aceitação a outras formas de comunicar saberes; com tolerância metodológica e discursiva; com tendência de aproximação das relações entre o pesquisador e o campo pesquisado; podendo ser visto como a geração de um conhecimento no qual se centra um compromisso com o cenário subalterno e com a diversidade, de certa forma e em muitas situações, sem o anteparo oferecido pela industrialização da ciência.

Senão, vejamos o que reafirmam os autores em discussão, Santos e Meneses (2009):

Designamos a diversidade epistemológica do mundo por epistemologia do sul. O Sul é concebido metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo. Esta concepção do Sul sobrepõe-se em aparte com o sul geográfico, o conjunto de países e regiões do mundo que foram submetidos ao colonialismo europeu e que, com exceção da Austrália e da Nova Zelândia, não atingiram níveis de desenvolvimento económico semelhantes ao do Norte global (Europa e América do Norte). A sobreposição não é total porque, por um lado, no interior do Norte geográfico classes e grupos sociais muito vastos (trabalhadores, mulheres, indígenas, afro-descendentes) foram sujeitos à dominação capitalista e colonial e que depois das independências a exerceram e continuam a exercer, por suas próprias mãos, com as classes e grupos sociais subordinados. A ideia central é como já referimos, que o colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e/ou nações colonizados. As epistemologias do Sul são o conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam essa supressão, valorizam os saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos (SANTOS E MENESES, 2009, p. 12-13).

Pode-se dizer que a Folkcomunicação tece e traduz dados relevantes sobre o conhecimento do meio popular, ocultos e tornados invisíveis pelas circunstâncias sociais ou

científicas colonizadoras; auxilia para a retirada do cenário excludente em que se encontra. Nesse contexto, tais conhecimentos ganham repercussão e notoriedade, por serem focos de interesse de pesquisadores comprometidos com essa divulgação. A diversidade temática encontra-se nas obras iniciais de Luiz Beltrão, como já dito. A repercussão das manifestações tradicionais, as linguagens do povo, as formas de comunicação, cuja fonte de origem seja o meio popular, elevadas à categoria de mídia, meio de comunicação podem ser vistos como alguns sinais de uma teoria emergente. Podem ser considerados como conhecimentos que se constituem “em redor de temas que em dado momento são adotados por grupos sociais concretos como projectos de vida locais [...]. Os temas são galerias por onde os conhecimentos progridem ao encontro uns dos outros”. (SANTOS, 1996, p. 47). Constitui-se em uma porta para conduzir o conhecimento local a circular para outras vias de conhecimento, outras galerias, outros espaços e de outras galerias para a comunicação social.

Considerações quase finais

A vivência no Sul geográfico e as experiências participantes em diversas ações no contexto do Sul epistemológico, tanto fora como dentro da academia universitária, além do interesse pela temática, levam-nos a compreender a atribuição e responsabilidade que podemos ter nas tentativas de ações reparadoras do que vemos como injustiças cognitivas impostas pelo colonialismo e pela hegemonia. Todo e qualquer conhecimento gerado no seio das camadas sociais oprimidas tende a ser suprimido, com circulação restrita ao círculo no qual foi concebido, inclusive geograficamente, se a responsabilidade por sua valoração não estiver entre as bandeiras assumidas por mentes ocupantes de lugares privilegiados pela disseminação do saber, em escalas e ambientes privilegiados e construídos cientificamente para isso. Referimo-nos, aqui, à circulação do saber tradicional para o meio acadêmico, considerando o saber social como base para o saber científico.

Nesses termos, trazemos essa discussão e reflexão, acreditando estarem isentas de conteúdo panfletário ou reacionário, sobre a descolonização das ideias, sobre a teoria da Folkcomunicação no contexto da epistemologia do sul, crendo que esta pode ser uma parcela de ações reparadoras disseminadas pelos pesquisadores da área. É possível que o campo da

comunicação social, de um modo geral, talvez ainda não tenha compreendido a complexidade e a importância dessa teoria.

Em face das argumentações expostas, em vista da defesa epistemológica desenvolvida por pesquisadores interessados por essa teoria, ao longo de mais de quatro décadas, a partir da caracterização de uma “comunicação dos marginalizados” (BELTRÃO, 1980), quando se dá vez às mensagens produzidas pelas classes subalternas, cremos que a teoria da Folkcomunicação possua traços consistentes, quiçá, até possa vir a ser pensada como uma teoria contra-hegemônica e emergente, com aspectos epistemológicos do Sul.

Uma teoria que possui como algumas características a artesanidade e a horizontalidade do saber, tradutora das falas, dos gestos, das escritas, das crenças, dos saberes tradicionais, dos conhecimentos de mundo, tristezas e felicidades estampadas nas manifestações teatrais, religiosas, festivas, no vestuário, nos artefatos, no artesanato, na política, nos movimentos sociais, no carnaval, no meio educacional, na oralidade, na literatura, no meio urbano ou campesino, no jornalismo alternativo e comunitário, artes plásticas, grafite, música, poesia, entre uma diversidade de conhecimentos que propalam os saberes ocultos e invisibilizados pelo meio dominante e por essa via.

Se há comunicação social como difundido, pressupomos que este é um conteúdo comunicacional essencialmente social, nascido no meio social, levado a ser conhecido como folkcomunicacional, por Luiz Beltrão; que circula quer seja distante das grandes metrópoles ou no seu âmbito, inscrito na periferia, nos arredores dos centros citadinos ou mesmo nos arredores do pensamento elitizado, mesmo estando geograficamente dentro destes centros urbanos.

A Folkcomunicação pode ser vista como uma teoria reparadora, campo de elevação do ativismo folkmediático (TRIGUEIRO, 2008), disseminadora de bens simbólicos, cuja originalidade assoma na riqueza dos detalhes dos seus conteúdos, como heranças mantidas ao longo da história construída por antecessores. Mesmo ainda em estágio de amadurecimento, e nessas notas iniciais sobre tal reflexão, vemos que esta pode ser vista como uma teoria representante da epistemologia do Sul e da ecologia dos saberes, rompendo com a prática do pensamento epistemicida e descolonizando ideias. A Folkcomunicação tende a mostrar o aspecto comunicacional que está do outro lado da linha abissal. Surge em uma

época de opressão política e intelectual, tendo em sua natureza o caráter de ser nascida na luta contra a implantação e imposição de ideias dominadoras hegemônicas e mantenedoras do pensamento colonialista. Finalizamos estas linhas justificando que muito ainda há para se discutir, debater e refletir sobre o aspecto contra-hegemônico da Folkcomunicação e por isso subintitulamos como: reflexões iniciais sobre uma descolonização das ideias.

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

_____. **Folkcomunicação**: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.

BENJAMIN, Roberto. Folclore. In: GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina Jans (Org.). **Noções básicas de Folkcomunicação**: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2007.

BENJAMIN, Roberto. **A folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2000.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Civilização e cultura**; pesquisas e notas de etnografia geral. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. 2.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

_____. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: INL, 1954. 2. ed. Rio de Janeiro: INL, 1962. 2v. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1969. 3.ed. Rio de Janeiro: INL, 1972. 4.ed. Rio de Janeiro: INL, 1979. 5.ed. Rio de Janeiro: INL, 1984. 6.ed. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: Ed. da USP, 1988. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.

_____. **Folclore do Brasil**; pesquisas e notas. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1980.

_____. **História dos nossos gestos**; uma pesquisa na mímica do Brasil. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1976. 2.ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia/São Paulo: Ed. da USP, 1987.

_____. **Literatura oral**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio/MEC, 1978. 3.ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia/São Paulo: Ed. da USP, 1984. (Outros títulos do mesmo livro: Literatura oral no Brasil; História da literatura brasileira).

_____. **Locuções tradicionais no Brasil: coisas que o povo diz**. Recife: UFPE, 1970. 2.ed. Rio de Janeiro: MEC, 1977. 3.ed. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: Ed. da USP, 1986.

_____. **Superstição no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EDUSP, 1985.

_____. **Tradição, ciência do povo**: pesquisas na cultura popular do Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1971.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina Jans (Org.). **Noções básicas de Folkcomunicação**: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2007.

HOHLFELDT, Antonio. (Org.). **Jornalismo Cultural**: temas de Comunicação - Luiz Beltrão. São Paulo: INTERCOM, 2012. Coleções Beltranianas, v. 2.

LUCENA FILHO, Severino Alves de. **A festa junina em Campina Grande-PB**: uma estratégia de folkmarketing. João Pessoa: Ed. Universitária (UFPB), 2007.

LUCENA FILHO, Severino Alves de. **A festa junina em Portugal**: marcas culturais no contexto do folkmarketing. João Pessoa: Ed. UFPB, 2012.

MARQUES DE MELO, José. Prefácio. In: BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

MARQUES DE MELO, José. (Org.) **Pesquisa e Comunicação no Brasil**: tendências e perspectivas. São Paulo: Summus, 1999b.

_____. **Mídia e cultura popular**: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção Comunicação).

_____. **Fortuna crítica de Luiz Beltrão**: dicionário bibliográfico. São Paulo: INTERCOM, 2012. Coleção Beltranianas, v. 1.

MARQUES DE MELO, José. Prefácio. In: TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação e ativismo midiático**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2008b.

MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme Moreira. **Metamorfoses da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Ed. CULTURAL, 2013.

MARQUES DE MELO, José. De volta ao futuro: da Folkcomunicação à Folkmídia. In: SCHMIDT, Cristina (Org.). **Folkcomunicação na arena global**: avanços teóricos e metodológicos. São Paulo: Ductor, 2006.

MARQUES DE MELO, José; VIDAL, Rose; AMARAL, Eduardo (Org.). **Metodologias do Ensino de Jornalismo**: Luiz Beltrão. Uberlândia: EDUFU; São Paulo: INTERCOM, 2012. Coleções Beltranianas, v. 3.

MORAIS, Osvando J. de (Org.). **Comunicações & Problemas Luiz Beltrão**. São Paulo: INTERCOM, 2013a. Coleção Beltranianas, Parte 1, v. 4.

MORAIS, Osvando J. de (Org.). **Comunicações & Problemas Luiz Beltrão**. São Paulo: INTERCOM, 2013b. Coleção Beltranianas, Parte 2, v. 5.

MORAIS, Osvando J. de (Org.). **Comunicações & Problemas Luiz Beltrão**. São Paulo: INTERCOM, 2013c. Coleção Beltranianas, Parte 3, v. 6.

SCHMIDT, Cristina (Org.). **Folkcomunicação na arena global: avanços teóricos e metodológicos**. São Paulo: Ductor, 2006.

SCHMIDT, Cristina. Folkcomunicação. In: MARQUES DE MELO (Org.). **O campo da Comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2008.

SANTOS. Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Um discurso sobre as Ciências**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Conhecimento prudente para uma vida decente: “um discurso sobre as ciências” revisitado**. São Paulo, Cortez, 2004a.

_____. **O Fórum Social Mundial: manual de uso**. São Paulo, Cortez, 2005.

_____. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. Tradução Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **As vozes do mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

_____; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação e ativismo midiático**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2008.

Artigo recebido em: 07/07/2015

Aceito em: 22/08/2015